

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Um lugar de memória: as tropas na correspondência de Simón Bolívar*

Fabiana de Souza Fredrigo**

Resumo: Simón José Antonio de la Trinidad Bolívar (1783-1830) foi um obsessivo escritor de cartas, não descuidando de sua correspondência nem mesmo com a proximidade da morte. A escolha do que escrever, de como escrever e a constância com a qual escrevia indicavam que a escrita de cartas subsidiava um projeto de memória cultivado de uma missiva a outra. Tratar-se-á de um tema recorrente no epistolário: a relação entre os oficiais, em sua maior parte homens advindos da elite *criolla*, e as tropas, em sua maioria, recrutadas compulsoriamente e marcadas pela diversidade étnica.

Palavras-chave: epistolário – memória - guerras.

Abstract: Simón Jose Antonio of la Trinidad Bolivar (1783-1830) was an obsessive writer of letters, not neglecting of its correspondence not even with the proximity of the death. The choice of that to write, as writing and the constancy with which it wrote indicated that the writing of letters subsidized a cultivated project of memory of a letter to another one. One will be about the relation between the officers, in its bigger part happened men of the *elite criolla*, and the troops, in its majority, enlisted compulsively and marked for the ethnic diversity.

Keywords: epistolário – memory - wars.

O epistolário de Simón Bolívar surpreende por sua extensão. A coletânea organizada por Vicente Lecuna divide-se em sete tomos. Teve-se acesso aos tomos que compõem a segunda edição das *Cartas Del Libertador*, publicada entre os anos de 1964 e 1969. A coletânea foi organizada segundo o critério cronológico, portanto a intervenção do organizador, embora exista, é mínima. Numa introdução às cartas, Lecuna expõe, entre outros pontos, como encontrou, selecionou e coligiu a documentação. Poucos foram seus comentários quando da exposição das cartas e, se eles lhe pareciam indispensáveis em algumas circunstâncias, os fazia em nota de rodapé.

Simón Bolívar não se via, e nem fora visto por aqueles que o cercavam, como um indivíduo comum. Ao tomar ciência de sua importância no torvelinho de transformações que abalavam a América oitocentista, ele permitiu-se efetivar uma memória por meio de seu epistolário. De certa maneira, embora o compromisso de redigir cartas estivesse entre os deveres de seu ofício, visto que as missivas eram um meio de comunicação importante na primeira metade do século XIX, apenas esse dado não explica a dedicada tarefa de cuidar do epistolário. Escrever cartas significava para Simón Bolívar eleger o meio de alimentar seu

* Este texto é parte de um artigo inserido na coletânea intitulada *Escrita da História: narrativa, arte e nação*, organizada por Marcos Antônio Menezes e Élio Cantalício Serpa, que se encontra no prelo.

** Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

desejo de autoconhecimento, reconhecimento e identidade. Mais ainda: o grupo com o qual entabulava suas conversações – a elite política e militar americana à época – dividia com ele as angústias, a visão de mundo e, sem dúvida, constituía-se para o general como um lugar referencial, que lhe permitia sentir comodidade e aceitação. Todavia, o Bolívar das cartas não deve ser tomado apenas como o representante do grupo, ele era mais: ele era o Bolívar missivista, que transcendia ao grupo, que lhe impunha sua liderança e que reinterpretava e transformava os códigos de conduta do mesmo. Dessa forma, o epistolário apresenta possibilidades de interpretação dupla: de um lado, nele se encontram particularidades que permitem aludir à constituição da memória de um indivíduo, de outro, essa mesma memória encontra-se entrecortada pela memória do grupo.

Fonte de atuação, de desejo e de realização do missivista, a guerra domina e demarca a ambiência do epistolário. Para os oficiais graduados, a elite da qual o general fazia parte e com a qual se correspondia, a guerra era mais do que uma necessidade ditada pelos acontecimentos. Bolívar sabia bem que os desentendimentos permaneceriam, mesmo quando estabelecida a “paz externa”. A autoridade e a legitimidade que Bolívar buscava alcançar e conservar, além de estratégia necessária à sua sobrevivência política, era um meio de garantir estabilidade ao território americano. Do mesmo modo, era preciso considerar a guerra como importante mecanismo regulador das tensões étnicas e sociais da América (REINATO, 2000).

Antes de chegar ao discurso que permitirá compreender em que bases o conflito entre os oficiais de elite e as tropas se estabelecerá, é preciso passar por algumas outras discussões. A primeira delas deve contemplar a formação das tropas, atentando particularmente para o recrutamento e a composição das mesmas. Avaliar como Bolívar narra as dificuldades que enfrenta para recrutar seus homens, desenhando um cotidiano marcado pela deserção, pelas rebeliões, pela doença e pela morte, mostrará como o missivista obrigou-se a refletir sobre a humanidade desses soldados, a despeito da incivilidade costumeiramente associada ao soldado comum. Se a elite era retratada por meio do heroísmo, às tropas Bolívar atribuía uma humanidade selvagem: eram homens de carne e osso, com desejos básicos a serem satisfeitos. É certo que os homens da elite também eram de carne osso, mas seus desejos não eram tão primários e nem a sua urgência de realização tão necessária e desastrosa. Enfim, todos eram homens, uns heróis e outros selvagens, o que os diferenciava era a qualidade de seus desejos.

Por meio dos desvios do missivista depara-se com a narrativa que explicita a ocorrência do conflito entre os oficiais e os soldados. Ainda mais, são os desvios que possibilitam mapear que também para as tropas Bolívar lançaria um olhar eivado de

contradições. Aliás, as contradições eram inerentes à vida que Bolívar levava, com dupla ambientação: sentia-se bem entre a elite, era um membro dela e com ela dividia seus valores e instituíam pactos. Mas, nas campanhas, nas extenuantes caminhadas pelos Andes, nas noites de vigília, tomava contato com as tropas e nelas via a mesma humanidade que a sua. As fadigas provocadas pelo clima e por outros incidentes não poupavam os militares melhor treinados, como se soubessem que eles eram seres especiais porque donos de uma patente superior. No cotidiano da guerra, embora a hierarquia fosse um valor indispensável para a manutenção da disciplina, as agruras e os limites físicos dos que lutavam faziam com que Bolívar, ao menos, refletisse sobre a humanidade daqueles que estavam no exército e enfrentavam a morte, mesmo que nem sempre espontaneamente e com a mesma disposição que a sua.

Montar os exércitos entre 1819 e 1820, quando da campanha da Nova Granada, não era o mesmo que montar exércitos a partir de 1822 para lutar no Peru e no Alto Peru. Se o processo de recrutamento não é o mesmo, o tratamento dispensado a esses soldados também não seria. Simón Bolívar já havia lidado com os *llaneros*, homens que considerava incivilizados, embora fossem extremamente valorosos para a vitória nas batalhas. Mesmo assim, nada pareceu igualar-se à surpresa que lhe causaram as tropas com as quais tomou contato na campanha no Sul. Sua diversidade étnica e o argumento de que venezuelanos e colombianos eram mal-vistos entre elas, o que facilitava a rebelião, apareceriam de forma recorrente na narrativa epistolar.

Em 1820, após a criação da Grã-Colômbia, as tropas realistas não tinham sido completamente varridas desse território. Com a chegada do oficial espanhol La Torre, em La Grita, região na Cordilheira de Mérida, Bolívar narrava para Santander as dificuldades enfrentadas ao lado das tropas patriotas. É importante que se atente para a maneira a qual o general referia-se às tropas cundinamarquesas (colombianas) e venezuelanas para que, mais adiante, possa se perceber a diferença de seu olhar, expressa no tom narrativo e nos adjetivos usados, quando a referência for às tropas peruanas. Na carta que segue, as tropas são “boas tropas”, mesmo que, anotada a ausência de soldo, não esteja excluída a possibilidade de deserção. As dificuldades da guerra e as longas e tortuosas distâncias geográficas a serem percorridas encontram no epistolário algum grau de equiparação e constância, o que significa que essas eram agruras enfrentadas por todas as tropas, a despeito da origem dos soldados que as constituíssem. No entanto, o mesmo não ocorre com a avaliação das tropas, há diferença entre venezuelanos, colombianos e peruanos. Nessa carta de maio de 1820, Bolívar ainda não tinha tomado contato com os soldados do sul. É preciso acompanhar a narrativa e guardar as referências que ele teceu às tropas que lutaram na Nova Granada:

Nossa situação nesses vales é muito embaraçosa, nossa cavalaria está a pé porque os animais morrem depois de nos terem custado sua manutenção. O dinheiro e o gado que temos não conseguem atender mais do que os hospitais, os [acampamentos de] treinamentos e as tropas disponíveis de La Guardia. Por falta de víveres e de dinheiro não podemos aumentar as forças dessa fronteira, e eu não quero expor nossas boas tropas sem ter uma vantagem conhecida sobre o inimigo. Se pudéssemos manter aqui a coluna de Briceño, já poderíamos contar com mais meios e muito mais segurança por essas partes. Mas isso se torna cada vez mais impossível em virtude da falta de gado, que no fim desse mês vai ser quase absoluta, pois Rangel já veio com sua tropa, trazendo umas trezentas reses das mais de mil que vieram pela montanha, e é isso o que se pôde conseguir. Em geral, o gado nos sai muito caro, tanto o introduzido pelo estado quanto o comprado em Cúcuta, porque em geral um terço dele é perdido, além do que se empregam muitos peões, ao valor de 16 pesos cada um por viagem; acrescenta-se que o gado que vem por intermédio do estado é o pior.

Enfim, meu amigo, volto a repetir, de junho em diante, esta divisão perece se não tiver o soldo que lhe compete, e a tempo, porque a situação destes países é esta: todo mundo é inimigo, ninguém quer servir e nem se apresentar; tudo é caríssimo e não querem nem receber a nossa moeda.

[...]

Se à falta de víveres acrescentarmos a de socorro, acabam [os soldados] por ficar mais desgostosos do que já estão. Quase todos os soldados cundinamarqueses têm retornado às suas casas, os venezuelanos querem voltar às suas, de modo que nunca faltam deserções. Com isso espero que você me envie o contingente mensal, retirando-lhe de onde puder. Se não, terei que empreender operações nesse exército para que ele não se dissolva; pois é a mesma situação de estar em guarnição em um país inimigo, e sem Páez poder trabalhar ativamente, como não poderá no inverno, qualquer operação torna-se muito arriscada (Carta para Santander. Rosário de Cúcuta, 07/05/1820. Tomo II, R. 577. p. 321-324. Original.).

Num salto de três anos, para a expedição no Peru, ficam evidentes as dificuldades de recrutamento e a mudança do tom narrativo de Simón Bolívar. Na missiva seguinte, avalia-se o recrutamento nas regiões de Quito e Guayaquil, pertencentes à Nova Granada:

Temos feito gastos infinitos e chamado inúmeros recrutas para poder mandar 6.000 homens ao Peru. Só deixamos 1.000 homens de infantaria e cavalaria e 200 artilheiros. Cuido para formar três batalhões de gente do país, mas para nada servirão, porque ao mover um corpo de um lugar a outro todos desertam, assim foi quando de 10.000 recrutas conservamos 1000. A maior parte dos recrutas que enviamos a Lima são casados e têm filho, porque se casam muito cedo os homens desse país, por isso não se pode contar com os solteiros. Direi ao Senhor, imediatamente, que esgotei o manancial de meu rigor para juntar os homens e o dinheiro para a expedição no Peru. Tudo tem sido violência sobre violência. Os campos, as cidades têm ficado vazias sem ter como retirar dali 3.000 homens e conseguir duzentos mil pesos. Eu sei melhor do que ninguém até onde pode ir a violência, e ela tem sido empregada em plenitude. Em Quito e Guayaquil toma-se todos os homens, em todos os tempos e em todas as ruas para conseguir recrutas. O dinheiro consegue-se à força da baioneta. A causa de tudo isso é que esta gente não está acostumada a fazer sacrifícios, e o inimigo está a 300 léguas daqui. Eu lhe digo isso para que o Senhor saiba que jamais deixo de fazer tudo o que é possível, sem deter-me por nada, e que quando recorro ao governo é porque não há outro remédio. Este país é o mais caro e a tropa não recebe nem um peso ao mês. Todo mundo recebeu a metade do pagamento e o exército recebeu apenas um terço. (Carta para Santander. Guayaquil, 15/04/1823. Tomo III, R. 934, p. 371-373. Original.).

A carta não diz aberta e claramente, mas nela está presente a resistência dos homens comuns em se mobilizar para a guerra. Não tinham muito a ganhar com o combate e o código de valores que unia a elite não era suficiente para convencer a população a enfrentar a disciplina militar. Dever para com a pátria, liberdade e ordem não pareciam ser princípios capazes de persuadir os homens. Restava a violência e, assim mesmo, a violência e a vigília dos oficiais superiores não impediam as deserções e nem as rebeliões. Evidente que o tom catastrófico adotado por Bolívar tinha um objetivo: convencer Santander da necessidade da intervenção do governo da Nova Granada, especialmente no que se referia ao envio de capital. Mesmo que se releve o objetivo de convencimento, expresso ao final da carta, quando Bolívar explicava que “quando recorro ao governo é porque não há outro remédio”, não é apenas o desejo de convencimento o único responsável pela mudança de tom. O emprego da violência e o confisco das rendas, tal como foram postos na carta, registram a atuação de Simón Bolívar e de seu exército – atuação que não era novidade, embora, nesse momento, tivesse seu grau aprofundado. A destruição das famílias, dos campos e das cidades ficou registrada também na carta. Dessa forma, a narrativa possibilita concluir que, embora alguns exageros possam ser atribuídos ao anseio de convencimento, outros não eram medidas de exceção ou de persuasão, mas sim ações concretas e cotidianas no teatro da guerra.

A composição das tropas lidava com um elemento desagregador, era ele a ausência de vontade de lutar daqueles que não possuíam nem a formação militar. Não haveria catequese intensiva que convencesse as populações de que a separação da Espanha lhes permitiria uma vida melhor, isso se o que viam era destruição e morte. A diversidade das tropas, devido ao recrutamento compulsório e apressado, e a falta de recursos foram temas que invadiram as cartas de Bolívar no cenário de guerra peruano:

O campo de batalha é a América meridional; nossos inimigos são todas as coisas; e nossos soldados são homens de todos os partidos, e de todos os países, cada um tem uma língua, sua cor, sua lei e seu interesse a parte. Só a Providência pode ordenar este caos com o seu dedo onipotente, e até que eu não veja isso não acredito em milagre. (Carta para Tomás de Heres. Cajamarca, 14/12/1823. Tomo III, R. 1.019, p. 519-521. Cópia.).

O negócio da guerra no Peru requer uma contração imensa e recursos inesgotáveis. Não é possível executá-la sem uma grande massa de tropas: para essas tropas não creio que os recursos sejam proporcionais, a menos que os reunamos todos com muita antecipação, muita proporção e muita inteligência. Necessitamos, antes de tudo, conhecer o país e contar com os meios: depois, colocar esses meios à disposição, empregá-los. Sobre tudo isso, eu rogo ao Senhor, meu querido general, que me ajude, com toda a sua alma, a formular e levar a cabo este plano. Se não for o Senhor não terei ninguém que possa me auxiliar intelectualmente. Pelo contrário, reina um deslocamento de coisas, homens e princípios, que me desconcerta a cada instante: isso chegou a desanimar-me várias vezes. Só o amor à pátria me devolve o brio, que perco ao contemplar os obstáculos.

[...]

Com tudo isso estamos sem dinheiro, apesar das belas esperanças que tínhamos; tampouco temos notícia da expedição do Panamá, não podemos contar com mais de 2.000 homens das tropas de Riva Agüero; o país é patriota, mas não quer o serviço militar; é bom, mas apático, tem víveres, equipamento militar, mas não os quer disponibilizar, ainda que possam ser tomados à força. (Carta para Antonio José de Sucre. Cajamarca, 14/12/1823. Tomo III, R. 1.020, p. 521-523. Retirada de Blanco y Azpurua, IX, p. 183).

Escritas quando do preparo do teatro de guerra no Peru, essas primeiras cartas evidenciam a resistência encontrada entre os homens da região, fossem membros da elite, fossem da tropa. A ausência de um exército disciplinado fica patente quando Bolívar refere-se ao fato de os homens não quererem o serviço militar. Com exceção de parte dos soldados que viriam da Colômbia e da Venezuela, reinava entre a tropa o despreparo, o descontentamento e o “deslocamento de princípios”. Nas cartas seguintes, a tendência seria a descrição de um panorama ainda pior, marcado por rebeliões internas às tropas e conflitos com os chefes locais peruanos:

Amigo: este mundo está desmoronando. Não conte mais com o Peru para o teatro de operações militares da Colômbia. Tudo está perdido de fato: Lima, Callao, marinha e províncias do Norte, por consequência de uma série de faltas e de crimes imperdoáveis. Este país está contaminado pela peste moral. Nos cinco meses em que eu estou aqui, vejo em cada um cinco prodígios de maldade. O primeiro foi a divisão de Santa Cruz e a de Sucre não se reunirem, e por conseguinte a perda do exército, em uma simples marcha. Segundo, a guerra de Riva Agüero contra nós e sua traição em favor dos espanhóis. Terceiro, a falta dos chilenos e sua deserção do exército unido contra as minhas ordens e as de seu governo. A quarta, o levante da esquadra do Peru contra o seu governo, as violências praticadas pela divisão do Chile, e as leis que nos impuseram nas costas de Trujillo. Por último, o levante de soldados e sargentos dos corpos do Rio da Prata, que faziam a guarnição de Callao, contra seus oficiais e chefes para entregar as chaves do Peru aos espanhóis para que esses tomassem a real posse.

Eu temo diante do aspecto de enormes atentados, por nossas tropas colombianas, pois este contágio é mais poderoso do que muitos elementos físicos e morais que podem influenciar as ações humanas. O último, sobretudo, tem uma influência imediata sobre o soldado pobre, faminto e despido, o qual muito há de ser temido na presente situação das coisas. O governo e os civis não querem acreditar que o exército se compõe de homens de carne e osso, que necessitam de tudo e, por conseguinte, têm paixões que devem ser satisfeitas. Cada canalha quer ser soberano; cada canalha defende a fogo e sangue o que tem, sem fazer o menor sacrifício. Isso eu digo em relação ao Peru e à Colômbia, e mais ainda em relação a Quito, que é o espelho do egoísmo.

Não tenho que lhe acrescentar nenhuma palavra sobre o que tenho lhe dito o ano passado; só me resta advertir que chegou o tempo das calamidades que previ e avisei, e estou decidido a não ser instrumento nem espectador dessas calamidades: porque eu não quero ser vítima de ninguém, por nada. Cansei-me de predicar a este governo e ao da Colômbia: não tenho conseguido nada; e isso é ainda pior em relação ao povo que é mais surdo do que os governos. Tudo o que comporta à minha honra, eu já fiz pela saúde da pátria: é impossível sacrificar-me mais a ponto de meter-me a Nero para o bem dos outros, e outros que não querem ser simples cidadãos. Eu irei para Bogotá e isso se perderá absolutamente e se perderá o Sul da Colômbia, sem que haja poder humano que o evite. Duvido que Sucre queira se encarregar do mando porque ele prevê, assim como eu, que vai ser envolto numa ruína comum. Por suposto, as desobediências, as insurreições, e as divisões se

multiplicação ao infinito, isso no que diz respeito a nós, porque em relação aos aliados tudo será traição, o quando menos deserções. Não duvide, meu querido general, que aquele que se encarregar do mando desse exército será sacrificado. (Carta para Santander. Pativilca, 10/02/1824. Tomo IV, R. 1.067, p. 79. Original.).

Endereçada a Santander, essa longa missiva sintetiza alguns pontos. Imediatamente, fica demonstrado o desconforto de Bolívar com as operações de guerra no Peru, país, segundo ele, contaminado pela peste moral. A aceitação de sua liderança nesse território não foi tranqüila e o general sabia disso. Diferente da Colômbia e da Venezuela, alcançar consenso no Peru, mesmo entre parte da elite que defendia o rompimento com a Espanha, foi tarefa árdua, ainda mais porque, no interior dessa parte da elite, Bolívar tinha de lidar com a sombra de San Martín. O descontentamento de Simón Bolívar viu-se delimitado por conta de seu desentendimento em dois campos: com as tropas, desentendia-se porque não se conformava com a sua diferença; com a elite, desentendia-se porque se sentia ameaçado, posto que a sua não aceitação expressava-se por meio do tratamento dispensado aos seus aliados.

A percepção quanto à diferença das tropas peruanas só era possível porque Simón Bolívar possuía como referencial outras tropas, compostas por venezuelanos e colombianos, por exemplo. A diferença que pôde ser captada não tinha a ver apenas com a capacidade de obediência ao comando e com preparo e disciplina para o trabalho por parte das tropas. Na narrativa de Bolívar, fica patente o desconforto com a diversidade étnica. Seus argumentos vinham recheados de avaliações pré-concebidas, balizadas pela desconfiança na fidelidade de homens índios e mestiços.

A idéia do contágio aponta para outra questão também importante: nem mesmo as tropas colombianas e venezuelanas estavam a salvo das rebeliões internas. Essas tropas podiam ser contagiadas, pondo em andamento a rebelião. De um lado, algo unifica e dá um sentido de comunidade a venezuelanos, colombianos e peruanos. A despeito do proto-nacionalismo, a pobreza e a fome edificavam o senso de comunidade entre os homens de carne e osso que deviam ser temidos, caso suas paixões não fossem satisfeitas. Por outro lado, para Bolívar, algo também diferenciava colombianos, venezuelanos e peruanos: em seu ambiente, venezuelanos e colombianos não seriam capazes de demonstrar o mesmo grau de debilidade moral e física. Se havia ameaça de assim o fazerem naquele momento, era porque o contágio mostrava-se eficaz e poderoso. Ainda, pode-se deduzir que o desespero de Bolívar nascia da avaliação de que homens de carne e osso, famintos e desnudos, de algum modo, tinham legitimidade para se rebelar. Mesmo que tal ato tivesse de ser contido com força e

violência, punido exemplarmente para a manutenção da disciplina, percebe-se que Bolívar refletia sobre a situação desses homens e, mesmo que não dissesse abertamente, os entendia, embora não lhes perdoasse o delito. Conflitos comuns e compreensíveis que a escrita permite entrever.

Muito brevemente para esse espaço, expôs-se o conflito estabelecido entre soldados índios, negros e mestiços, componentes das tropas, e a elite *criolla*. Não se tratou de produzir a história dos vencidos. É difícil fazer história do que não está registrado, ou melhor, documentado; esse é o caso da narrativa sobre as tropas. O que foi dito sobre os soldados rasos, presos a uma hierarquia inferior, chegou depurado por outros atores históricos. As tropas entraram para a história em segundo plano. Elas apresentam-se como subalternas não apenas por falta de documentação ou porque eram mesmo hierarquicamente subjugadas. Não, elas aparecem em um plano inferior porque a elas foi legado esse lugar de memória. Se lembradas, ao contrário do aprendizado cívico carregado de positividade, levariam consigo depreciações. Deserções e rebeliões seriam vistas como uma ameaça à ordem e, quando o empreendimento da independência tivesse de ser louvado, qualquer ameaça devia ser observada com negatividade.

Interessante é que, mesmo depois de exposto à crítica, a leitura do epistolário permite compreender como as idéias nele veiculadas puderam ser adequadas às narrativas posteriores. A relação de Bolívar, fosse com a elite, fosse com as tropas, realmente, facilita a aquisição da idéia de que era ele o homem das dificuldades e da guerra; imagem recorrentemente utilizada pelo missivista. Na medida em que Bolívar recria no texto o contexto que vivenciou, é evidente o quanto aumenta o problema que se tem em mãos, pois o acontecimento foi depurado pelo próprio ator histórico, e isso bem antes de ser depurado pela operação historiográfica. São muitas e distintas as operações que permitem captar no epistolário a construção da memória.

Referências bibliográficas:

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *História e memória no epistolário de Simón Bolívar (1799-1830)*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.

REINATO, Eduardo José. *El Quijote de los Andes: Bolívar e o imaginário da independência na América – 1810-1830*. Goiânia: Editora da UCG, 2000.